



"A universidade brasileira é quase autista"

O INCENTIVO À EDUCAÇÃO CIENTÍFICA CRIA UMA POPULAÇÃO COM MAIOR CONHECIMENTO DO UNIVERSO AO REDOR E COM POTENCIAL EMPREENDEDOR. ESSE É APENAS UM DOS RESQUÍCIOS DO PENSAMENTO QUE SÍLVIO MEIRA DEIXOU PARA ALUNOS DO UNI-RN. O PROFESSOR TITULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE) NA ÁREA DE ENGENHARIA DE SOFTWARE E UM DOS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DO BRASIL, QUANDO O ASSUNTO É INOVAÇÃO, FOI UMA DAS ATRAÇÕES DA XIV EDIÇÃO DO CONIC.

EM ENTREVISTA, SÍLVIO MEIRA FALA SOBRE ECONOMIA, INOVAÇÃO DIGITAL E O PAPEL DA UNIVERSIDADE, QUE CLASSIFICA COMO "QUASE AUTISTA" E "DEPÓSITO DE ALUNOS E PROFESSORES". TAMBÉM CRITICA OS UNIVERSITÁRIOS, QUE ESTÃO MAIS PREOCUPADOS EM OBTER DIPLOMA PARA CONCORRER A VAGAS EM CONCURSOS PÚBLICOS EM VEZ DE APOSTAREM NO EMPREENDEDORISMO E ENCONTRAREM SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS DA SOCIEDADE. CONFIRA AS OPINIÕES DESTE PENSADOR.

Quando se fala em inovação, um segmento vem muito forte à mente, o das startups. É errôneo restringir a inovação a essa área?

A intensidade de inovação e a criação de novos negócios digitais estão diretamente associadas às revoluções digitais de hardware, software, redes, mobilidade e internet das coisas que estamos vivendo mais ou menos há meio século. Como há um número muito grande de plataformas de competitividade sendo mudadas pela revolução digital, o número de oportunidades para inovar no, para, ou com digital tende a ser muito maior do que em outras áreas da economia, como construção civil ou transporte de carga. Mas é claro que sempre há oportunidades para inovar em todas

as áreas, especialmente onde haja deseconomias de escala, performance, qualidade...

Temos de levar essa cultura também para outros segmentos não tão avançados tecnologicamente, como o campo, por exemplo?

O agronegócio de grande escala, no Brasil, é inovador, tecnologicamente avançado e muito competitivo globalmente. Uma inovação que beneficiaria muito o agronegócio brasileiro seria infraestrutura de qualidade fora da fazenda, entre a fazenda e os portos, por exemplo. Isso é algo que existe em outros países desde o século XIX e começo do século XX. Mas

falta sincronia entre o que o país precisa e o que o executivo pensa que precisa.

Qual a vantagem para uma sociedade quando se propaga a cultura da inovação?

A principal vantagem do domínio dos fundamentos para criar novas tecnologias e suas aplicações práticas é passar a resolver, naquela sociedade, problemas que muitas outras sociedades têm. Para dar um exemplo que é quase lugar-comum, o Brasil tem se especializado, desde a era Vargas, em dominar tecnologias que servem para substituir importações. E quase nunca em desenvolver competências que serviriam para aumentar exportações. Uma parte significativa de nossos problemas estruturais de balança de comércio exterior vem da nossa incompetência tecnológica e da consequente impossibilidade de fazer, aqui e para o mundo, competitivamente, produtos e serviços intensivos em tecnologia.

Seria um problema das nossas universidades, que não estão formando profissionais criativos e com esse foco?

Sim. Falta muito pra gente chegar lá. A universidade brasileira, como um todo, está décadas atrás do que se esperaria de um segmento da sociedade capaz de formar seu próprio futuro. A universidade brasileira, com raríssimas exceções, é conservadora, ortodoxa, avessa a mudanças e quase autista: ela se preocupa tanto com si própria que, na maioria dos casos e das principais competências demandadas pelo país, a economia e sociedade externas à universidade são quase um detalhe. Uma grande inovação, da qual o Brasil precisa muito e urgentemente, seria uma universidade inovadora, contemporânea, preocupada com e capaz de agregar mais valor à economia e à sociedade.

Na sua visão, qual seria o papel da universidade?

Imagine que as universidades brasileiras [dos seus cursos e professores aos eventos acadêmicos de discussão de conhecimento novo] estivessem em contato verdadeiro com o mercado. Só isso já bastaria para a universidade, aqui, operar revoluções como faz nos EUA. A Universidade pode ter um papel revolucionário, ao invés de ser apenas um depósito de alunos e professores associado a uma impressora de diplomas entregues a aspirantes a vagas em concursos públicos.

Na sua avaliação, quais seriam os desafios e os caminhos para tornar o Nordeste uma região mais competitiva?



Inovação é transdisciplinar por definição e tem que ser autônoma por necessidade. Inova quem não está satisfeito, quem busca novos entendimentos e oportunidades.

Não tem muito segredo: primeiro, e acima de tudo, educação de qualidade, universal. Pra isso, é preciso reformar muito mais do que as escolas, do ponto de vista predial. Sem uma ampla reforma no processo de formação de professores e nos currículos, tornando a escola um lugar interessante, nada de significativo vai acontecer no Nordeste por décadas a fio, ainda. Do lado da infraestrutura, mais de 70% das escolas públicas do Nordeste ainda não têm internet banda larga. Como é que pode? Na zona rural do Nordeste, mais de 30% das escolas ainda não têm energia elétrica. Se não se levar a sério o drama educacional do Nordeste, não há nenhuma outra medida capaz de mudar significativamente esse cenário. Por isso, eu não vou nem falar o que acho que estaria em segundo lugar.

É possível inovar sem empenhar grandes recursos e tecnologia de ponta, ou uma coisa está ligada a outra?

A definição clássica de Peter Drucker diz que inovação é a mudança de comportamento de agentes, no mercado, como fornecedores e consumidores de qualquer coisa. Tecnologia nem é mencionada aí, até porque, em muitos casos, inovação não tem nada a ver com tecnologia. E em muitas inovações em serviços, por exemplo, tecnologia é acessório. Veja o modelo do celular ou qualquer serviço pré-pago: nele, a grande inovação é a noção de se pagar antecipadamente por algo que se vai usando paulatinamente.

Então, por que perdemos tanto tempo para entender que isso tem a ver com mudança de padrão?

Porque apostamos que o passado vai continuar mandando no presente, ao invés de entender que é o futuro que está vindo para o presente, sempre. Para perder menos tempo, temos que trocar saudade por esperança; saudade do passado por esperança no futuro.

E o que tudo isso tem a ver com iniciação científica?

Inovação, de mais de uma forma, começa por fazer novas perguntas sobre velhos problemas. Ou criar problemas novos, daqueles que ninguém imaginava. Inovação quase nunca vem de pensamento ou práticas unidisciplinares, que tentam entender o mundo com uma ótica única e fechada. Inovação é transdisciplinar por definição e tem que ser autônoma por necessidade. Inova quem não está satisfeito, quem busca novos universos, novos entendimentos, novos problemas e oportunidades.